



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

# PANORAMA CONJUNTURAL

Agosto de 2023  
em Setembro de 2023

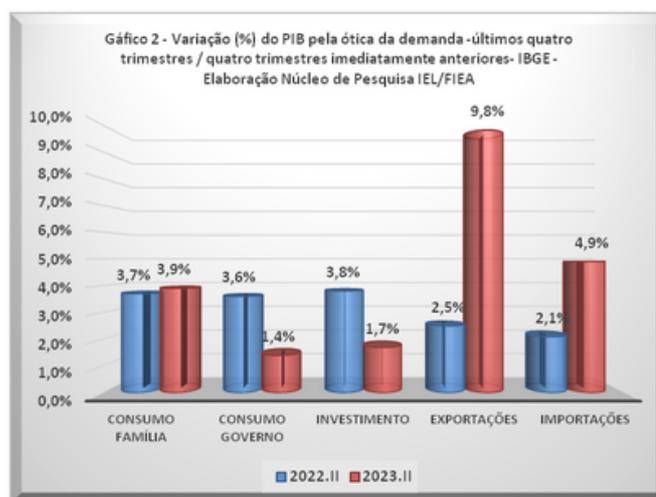
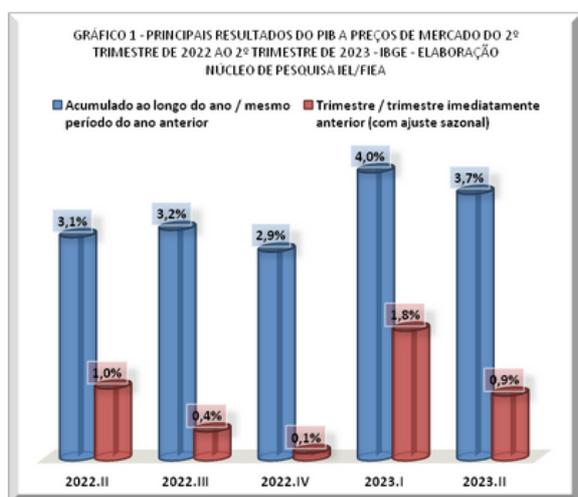
# O PIB do segundo trimestre surpreende mercado

Ao longo deste ano, as previsões do mercado têm consistentemente ficado abaixo dos resultados apresentados para a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Esse descompasso levou a uma revisão ascendente das estimativas, elevando a mediana de 0,9% para 2,9% no mais recente levantamento da pesquisa FOCUS realizada pelo Banco Central do Brasil (BCB).

É notório que a economia brasileira está expandindo a um ritmo vigoroso, aproximando-se de 4% na média dos dois primeiros trimestres do ano. Esse desempenho contrasta com a média de 3% observada nos três últimos trimestres do ano anterior, como ilustrado no Gráfico 1. Esse crescimento substancial é impulsionado, sob a ótica da demanda, principalmente pelo consumo das famílias e pelas exportações, com contribuição menor dos investimentos, que permaneceram praticamente estagnados em relação ao trimestre anterior e registraram uma queda de -2,7% em comparação ao mesmo período do ano anterior.

O consumo das famílias tem sido estimulado pela redução da taxa de desemprego, que encerrou o mês de junho em 8%, o menor nível desde junho de 2014, quando estava em 6,9%. Outro fator determinante foi o considerável aumento real das transferências sociais e do salário mínimo. Quanto às exportações, os produtos primários, tais como os agropecuários, da pesca e minerais, apresentaram um superávit recorde de US 67,4 bilhões no período de janeiro a junho de 2023. Em termos de origem, as exportações atingiram US 79,3 bilhões, com um incremento de 2,1% em valores correntes em comparação com o mesmo período de 2022 e um notável aumento de mais de 75% em relação ao período pré-pandemia de janeiro a junho de 2019.

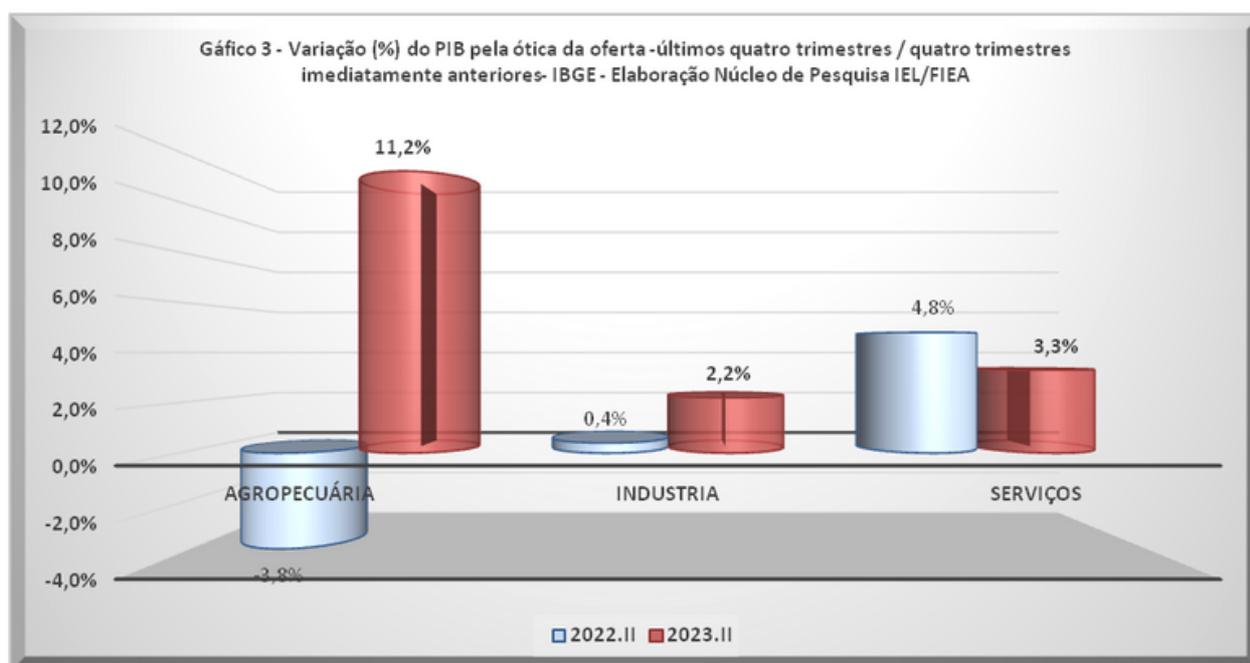
Analisando o lado da oferta, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o crescimento de 2,2% na indústria foi impulsionado por atividades como Eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos (8,1%), Indústrias Extrativas (3,5%) e Construção (2,9%), enquanto as Indústrias de Transformação permaneceram praticamente inalteradas (0,0%). O setor de serviços, com expansão de 3,3%, deveu-se a categorias como Outras atividades de serviços (6,2%), Transporte, armazenagem e correio (5,6%), Informação e Comunicação (5,6%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (3,9%), Atividades imobiliárias (3,0%), Comércio (1,5%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (0,8%). Por outro lado, o setor agropecuário mais uma vez se beneficiou do crescimento das exportações.



## O PIB do segundo trimestre surpreende mercado

O consumo das famílias tem sido estimulado pela redução da taxa de desemprego, que encerrou o mês de junho em 8%, o menor nível desde junho de 2014, quando estava em 6,9%. Outro fator determinante foi o considerável aumento real das transferências sociais e do salário mínimo. Quanto às exportações, os produtos primários, tais como os agropecuários, da pesca e minerais, apresentaram um superávit recorde de US 67,4 bilhões no período de janeiro a junho de 2023. Em termos de origem, as exportações atingiram US 79,3 bilhões, com um incremento de 2,1% em valores correntes em comparação com o mesmo período de 2022 e um notável aumento de mais de 75% em relação ao período pré-pandemia de janeiro a junho de 2019.

Analisando o lado da oferta, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o crescimento de 2,2% na indústria foi impulsionado por atividades como Eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos (8,1%), Indústrias Extrativas (3,5%) e Construção (2,9%), enquanto as Indústrias de Transformação permaneceram praticamente inalteradas (0,0%). O setor de serviços, com expansão de 3,3%, deve-se a categorias como Outras atividades de serviços (6,2%), Transporte, armazenagem e correio (5,6%), Informação e Comunicação (5,6%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (3,9%), Atividades imobiliárias (3,0%), Comércio (1,5%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (0,8%). Por outro lado, o setor agropecuário mais uma vez se beneficiou do crescimento das exportações.



## O PIB do segundo trimestre surpreende mercado

Apesar do desempenho surpreendente, a dinâmica dos investimentos e da indústria de transformação indicam possíveis problemas futuros, seja em termos de restrições na oferta setorial ou pressões inflacionárias. O círculo vicioso que tem levado à estagnação na produtividade industrial envolve baixos investimentos devido à alta carga tributária em comparação com o agronegócio e o setor de serviços. A reforma tributária em análise no Congresso busca corrigir essa questão. Adicionalmente, a estrutura financeira pouco competitiva leva à concentração bancária, o que, por sua vez, resulta em um aumento significativo no custo do capital. Essa situação penaliza tanto famílias quanto empresas, uma vez que as taxas de juros para eles ficam consideravelmente acima da taxa básica de juros (Selic), que já é considerada uma das taxas básicas de juros mais altas do mundo.

Para alavancar a produtividade da economia, especialmente no setor industrial, é crucial direcionar investimentos tanto do setor público quanto do privado. Esses aportes desempenham um papel fundamental na resolução dos problemas infraestruturais, abrangendo aspectos físicos, sociais, tecnológicos e a adoção de melhores práticas empresariais, fortalecendo assim a capacidade de competitividade sistêmica do país. Nas últimas quatro décadas, observou-se uma queda no investimento público (que inclui o governo e empresas estatais), o qual passou de 6,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1980 para 2,53% do PIB em 2022. No mesmo período, a parcela da Formação Bruta de Capital Fixo em relação ao PIB diminuiu de 23,53% para 18,8%. Essa redução torna imperativo recuperar a capacidade de investimento do país, a fim de viabilizar o crescimento econômico sustentável. Portanto, um ponto de partida crucial é adotar uma visão sistêmica da competitividade, afastando-se de uma visão macroeconômica puramente monetária, lembrando que a gestão macroeconômica abrange a coordenação das políticas fiscal, monetária, cambial e de rendas na busca da estabilidade econômica.

## Mercado projeta ciclo de baixa de 0,5% na Selic

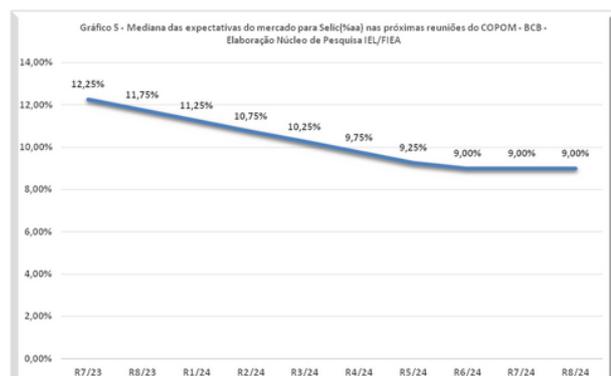
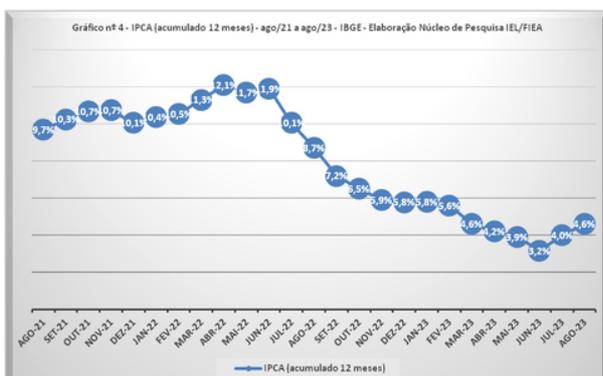
O Banco Central do Brasil (BCB) reduziu a taxa Selic em 50 pontos base para 12,75% ao ano na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), conforme previsto pelo mercado financeiro. As estimativas dos agentes financeiros indicam a continuidade desse ciclo de redução, com cortes da mesma magnitude até junho de 2024, quando está prevista uma nova redução de 25 pontos base, levando a taxa Selic a 9% ao ano, mantendo-se nesse patamar até o final do ano (ver gráfico 5). Se essas expectativas se concretizarem, o BCB encerraria o ciclo de redução de juros com uma taxa real de aproximadamente 5% ao ano, dado que a mediana do mercado projeta uma inflação de 3,7% para esse período.

Apesar do repique no IPCA nos últimos doze meses, que passou de 4% em julho para 4,6% em agosto (gráfico 4), as expectativas indicam uma tendência de desaceleração da inflação nos próximos meses. A média móvel de três meses dos núcleos de inflação, que excluem choques de curto prazo e buscam captar os efeitos da dinâmica econômica sobre a inflação, mantém uma trajetória de queda desde o início do ano.

De acordo com a pesquisa FOCUS/BCB, a mediana das projeções para o IPCA em 12 e 24 meses é de 4,1% e 3,7%, respectivamente, afastando preocupações sobre a perda de controle da inflação. No que diz respeito à inflação implícita embutida nos títulos prefixados, observa-se uma taxa de 4,6%, acima das projeções de mercado, o que pode refletir preocupações dos investidores quanto à eficácia da política macroeconômica e aos choques externos relacionados às commodities.

A perspectiva da economia global, marcada pela desaceleração da economia chinesa e pelos riscos de recessão nos Estados Unidos e na União Europeia no próximo ano, suscita questionamentos acerca do comportamento dos preços das commodities. No Brasil, as restrições fiscais do lado da receita, apesar dos avanços na reforma fiscal, somadas a um ciclo gradual de redução da taxa Selic, tendem a resultar em um crescimento econômico mais moderado, aproximando-se de 2% ao ano. Isso ocorre, ainda que haja melhorias na renda atual de famílias e empresas, impulsionadas pela desaceleração da inflação e pelo aprimoramento do mercado de trabalho, favorecendo o setor de serviços. Porém, a indústria não deve experimentar o mesmo cenário positivo, uma vez que a produção de bens de consumo duráveis, semiduráveis e de bens de capital fica diretamente limitada pelos elevados níveis de taxas de juros, mesmo com a redução da Selic.

Dessa forma, a preservação dos investimentos, tanto públicos quanto privados, como previamente mencionado, torna-se fundamental para atravessar esse período de ajuste sem comprometer o avanço na capacidade de crescimento econômico. Nesse contexto, a adoção da estratégia de neointustrialização, juntamente com o fortalecimento do ecossistema de inovação, emerge como uma abordagem promissora, aproveitando a transição global em direção à digitalização e à sustentabilidade energética.



## A produção industrial brasileira em julho de 2023

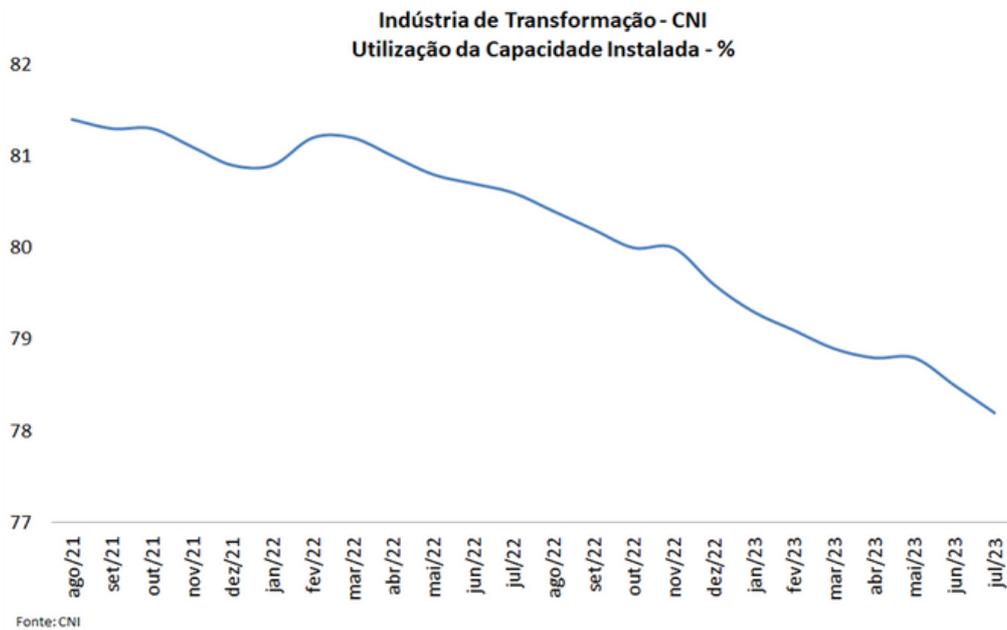
Em julho de 2023, a produção industrial no Brasil sofreu uma queda de -0,6% após ajustes sazonais. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, a produção industrial registrou uma redução de -1,1%, contrariando a tendência de crescimento de 0,3% observada em junho, de acordo com a métrica adotada. Essa sequência de resultados desfavoráveis para o setor industrial, como discutido acima, é em grande parte uma manifestação das várias distorções que impactam nosso cenário macroeconômico em relação à indústria. É relevante destacar, mais uma vez, as elevadas taxas de juros aplicadas aos financiamentos destinados à indústria, bem como a substancial carga tributária que o setor suporta, contrastando com a tributação mais leve em setores como agricultura e serviços. Importante ressaltar que, embora esses fatores não esgotem as causas subjacentes da desaceleração da produção industrial, desempenham um papel de importância. A implementação de medidas significativas para melhorar as condições de financiamento e reduzir a carga tributária sobre a indústria, juntamente com esforços para abordar outras questões que afetam o setor, pode abrir caminho para um cenário em que a indústria possa retomar um crescimento substancial, como indicado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI)[1].

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,6	-1,1	-0,4	0,0
Bens de capital	-7,4	-16,9	-10,8	-6,7
Bens Intermediários	-0,6	0,0	-0,5	-0,3
Bens de consumo	1,4	-0,7	1,8	2,0
Bens de consumo duráveis	-4,1	-3,5	4,3	5,6
Semiduráveis e não duráveis	1,5	-0,3	1,4	1,3
Extrativa Mineral	-1,4	7,0	6,0	2,2
Transformação	-0,4	-2,5	-1,5	-0,5

[1] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

## A produção industrial brasileira em julho de 2023

De acordo com dados da CNI, a utilização da capacidade instalada na indústria de transformação atingiu 78,2% em julho de 2023, registrando uma queda de 0,3 ponto percentual em relação ao resultado de junho de 2023, considerando a série ajustada sazonalmente. Isso resultou em uma capacidade utilizada na indústria que se encontra 1,5 pontos percentuais acima do nível pré-pandemia (76,7% em fevereiro de 2020), porém, ainda 2,3 pontos percentuais abaixo da média histórica, que é de 80,5%.



# Indicadores Conjunturais da Economia Brasileira

Índice de Preço (%)	2022					2023							
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
IGP-DI	-0,55	-1,22	-0,62	-0,18	0,31	0,06	0,04	-0,34	-1,01	-2,33	-1,45	-0,40	0,05
INCC-DI	0,09	0,09	0,12	0,36	0,09	0,46	0,05	0,30	0,14	0,59	0,71	0,10	0,17
IGP-M	-0,70	-0,95	-0,97	-0,56	0,45	0,21	-0,06	0,05	-0,95	-1,84	-1,93	-0,72	-0,14
IPC-M	-1,18	-0,08	0,50	0,64	0,44	0,61	0,38	0,66	0,46	0,48	-0,25	0,11	-0,19
IPA-M	-0,71	-1,27	-1,44	-0,94	0,47	0,10	0,20	-0,12	-1,45	-2,72	-2,73	-1,05	0,17
INCC-M	0,33	0,10	0,04	0,14	0,27	0,32	0,21	0,18	0,23	0,40	0,85	0,06	0,24
IPC-FIPE	0,12	0,12	0,45	0,47	0,54	0,63	0,43	0,39	0,43	0,20	-0,03	-0,14	-0,20
INPC	-0,31	-0,32	0,47	0,38	0,69	0,46	0,77	0,64	0,53	0,36	-0,10	-0,09	0,20
IPCA	-0,36	-0,29	0,59	0,41	0,62	0,53	0,84	0,71	0,61	0,23	-0,08	0,12	0,23

Fonte: Ipeadata e Bacen.

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
ago/22	3,20	90,88	1 677,89
set/22	3,83	91,36	1 660,04
out/22	3,76	90,99	1 628,92
nov/22	3,61	84,91	1 767,74
dez/22	3,51	85,40	1 888,79
jan/23	3,94	82,14	1 932,07
fev/23	3,51	79,52	1 813,88
mar/23	3,49	78,01	1 993,08
abr/23	3,85	76,55	1 979,67
mai/23	3,83	76,10	1 956,51
jun/23	3,91	82,52	1 905,20
jul/23	4,24	83,71	1 973,80
ago/23	4,44	91,51	1 942,29

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/ (FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
ago/22	295
set/22	275
out/22	270
nov/22	266
dez/22	259
jan/23	257
fev/23	250
mar/23	260
abr/23	257
mai/23	253
jun/23	233
jul/23	217
ago/23	211

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze Meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
ago/22	5,18	13,44	5,17	7,86	8,73	13,65	4,52
set/22	5,41	13,21	5,11	7,71	7,17	13,65	6,05
out/22	5,26	13,15	5,16	7,60	6,47	13,65	6,74
nov/22	5,29	13,94	5,30	8,21	5,90	13,65	7,32
dez/22	5,22	13,43	5,30	7,72	5,79	13,65	7,43
jan/23	5,10	13,47	5,75	7,30	5,77	13,65	7,45
fev/23	5,21	13,28	5,80	7,07	5,60	13,65	7,62
mar/23	5,08	12,90	5,55	6,96	4,65	13,65	8,60
abr/23	5,00	12,87	5,32	7,17	4,18	13,65	9,09
mai/23	5,10	12,45	4,71	7,39	3,94	13,65	9,34
jun/23	4,82	11,72	3,94	7,49	3,16	13,75	10,27
jul/23	4,74	11,26	4,06	6,92	3,99	13,15	8,81
ago/23	4,92	10,98	4,17	6,54	4,61	13,15	8,16

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

## INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS  
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE  
ALAGOAS – FIEA**

**Presidente:**

José Carlos Lyra de Andrade

**1º Vice-presidente**

José da Silva Nogueira Filho

### UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

**Coordenador**

Helvio Braga VilasBoas

**Elaboração**

**Núcleo de Pesquisas do IEL/AL**

**COORDENADORA**

Eliana Sá

**Informações Técnicas**

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

**Consultora GI**

Morgana Maria Machado Moura

Juliana Pereira Ferro

**Estagiários**

Raquel Maria Cezario

Bruno Melo Vasconcelos

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira



Contato  
(82) 2121-3085  
(Eliana Sá)

Agosto de 2023  
em Setembro de 2023